

Alcoolismo: um alerta à sociedade

Raquel de Oliveira Fernandes¹
Miriam Raquel Wachholz Strelhow²

Resumo: Este artigo tem o intuito de alertar a sociedade sobre as consequências do uso abusivo do álcool. A partir de revisão de literatura e entrevista, buscou-se encontrar o porquê muitos jovens e adultos viram alcoólatras, quais as consequências do uso imoderado desse psicoativo, qual a melhor forma de ajudá-los a reconhecer o vício e quais são os tratamentos. A partir dos resultados encontrados, observa-se que é importante que eles reconheçam o vício para que possam realizar o tratamento e que o apoio familiar é essencial durante esse processo de reabilitação, já que muitos têm recaídas e desistem do tratamento.

Palavras-Chave: Álcool; vício; família.

Abstract: This article is a warning to alert society to the consequences of alcohol abuse. From literature review and interview, we sought to find out why many young people and adults have become alcoholics, what are the consequences of the immoderate use of this psychoactive, what is the best way to help them to recognize the addiction problem and what are the treatments. From the results found, it can be observed that it is important that they recognize the addiction so that they can carry out the treatment, and the family support is essential during this rehabilitation process.

Keywords: Alcohol; addiction; family.

Muitas pessoas sofrem com o alcoolismo, o que desestabiliza várias famílias. Na maioria dos casos, muitos não querem ou não conseguem se tratar por falta de apoio familiar ou por vergonha. Mas por que motivo isso ocorre? Na sociedade atual, esse tema ainda é assunto de muito constrangimento e tabu. As pessoas que têm a doença podem causar acidentes e, em alguns casos, as que tinham uma vida normal, transformam-se em pessoas violentas, infelizes, perdem o emprego ou até mesmo a família devido aos efeitos da substância.

O objetivo geral desse artigo é identificar a importância de alertar à sociedade sobre o consumo do álcool de forma indevida, que pode se transformar em vício. E especificamente constatar o que é a doença e quais fatores contribuem para desenvolvê-la, relatar se afeta a sociedade e como isso ocorre, averiguar quais as mudanças que acontecem durante o processo de tratamento e investigar se há uma forma dos alcoólatras reconhecerem o vício.

Como metodologia de pesquisa, este artigo se estrutura em pesquisa indireta, por meio de investigação bibliográfica. Além desse procedimento, para um melhor compreensão dos fenômenos estudados, será utilizado o procedimento de entrevista. A qual, foi realizada de forma oral, com uma mulher. A escolha por essa pessoa foi feita devido às experiências de vida da entrevistada.

A doença e os fatores que contribuem para o desenvolvimento

Segundo Silva (2014), o alcoolismo é uma doença crônica de quadro patológico que é desenvolvida devido ao consumo excessivo de álcool. A doença ocasiona diversas complicações sociais, fisiológicas e psicológicas. Por causa disso, muitos dependentes perdem seus empregos e, na maioria dos casos, causam acidentes, violência doméstica, entre inúmeros conflitos.

¹ Aluna do Colégio Luterano São Paulo, 3º médio B.

² Professora de Educação Emocional do Colégio Luterano São Paulo, orientadora.

O órgão mais afetado pelo uso abusivo do álcool é o fígado, porém o desempenho de outros órgãos, de acordo com a gravidade da doença, também pode ser comprometido, como o coração, as glândulas, o cérebro e outros. Dessa forma, desencadeando outras doenças que podem acarretar até na morte do dependente. (CONASS, 2007, apud SILVA, 2014).

Prezotti³ (2018), na entrevista (Anexo A), fala sobre o que aconteceu com um de seus tios que era alcoólatra. “O X teve câncer e mesmo durante o tratamento ele escondia bebida no armário dele e aí com 49 anos ele faleceu com câncer na garganta por beber e fumar muito.”

Durante o tratamento, é evidente que o paciente deve parar o uso dessa substância psicoativa e ao longo do tratamento, às vezes, nota-se uma melhora do fígado.

Algumas vezes o fígado apresenta uma pequena recuperação, suficiente para manter suas funções vitais permitindo ter uma vida normal. Quando a cirrose evolui para o seu estágio final, a única solução é o transplante hepático. (CONASS, 2007, apud SILVA, 2014).

Na maioria dos casos, os dependentes são homens que iniciaram o consumo de álcool ainda adolescentes, entre 15 a 17 anos. Acredita-se que quase 2 bilhões da população mundial fazem o uso de álcool e que aproximadamente 80 milhões desenvolveram doenças psicológicas devido ao consumo excessivo. (VALENTIM, SANTOS, RIBEIRO, 2017). A gravidade da doença ocorre em distintos níveis de abstinência, impacto e quantidade de perdas e prejuízos devido ao uso da substância. (BERTOLOTE, 1997, apud SILVA, 2014).

A doença afeta pessoas de diferentes faixas etárias. Nos adolescentes, isso ocorre por efeito das mudanças que acontecem no processo de transição para a fase adulta. Essas mudanças estão relacionadas com a autoestima, tempo livre, a presença da família na vida do jovem, a crise de identidade, a vivência em um ambiente em que o uso da droga é aceitável e fatores genéticos. (CANAVEZ, ALVES, CANAVEZ, 2010).

De acordo com Barboza e Cardoso (2016), outro fator que contribui para o uso ou abuso de álcool é a cultura na qual vivemos, em que as pessoas aceitam e julgam como normal menores de idade fazerem uso do álcool. As propagandas, o fácil acesso, a falta de fiscalização, a influência dos amigos, pais liberais e a convivência no ambiente familiar também contribuem para gerar o vício. O que vai na contramão do que é promulgado pela lei brasileira.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990), de acordo com o Art.81, é coibida a venda à criança ou ao adolescente de bebidas alcoólicas ou qualquer produto que possa causar dependência física ou psíquica. E conforme o Art. 243 do ECA:

Vender, fornecer, servir, ministrar ou entregar, ainda que gratuitamente, de qualquer forma, a criança ou a adolescente, bebida alcoólica ou, sem justa causa, outros produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica: Pena - detenção, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa, se o fato não constitui crime mais grave.

³ Nome fictício para preservar a imagem da entrevistada. [A entrevista encontra-se transcrita no Anexo A deste artigo].

Os jovens passam por uma fase complicada, na qual eles devem fazer escolhas importantes para o seu futuro e o desenvolvimento das habilidades e competências ocorrem nessa época. Essa fase é um período de descobertas e mudanças, portanto o uso ou o abuso do álcool pode aparecer como uma forma de lidar com as dificuldades. (GIACOMOZZI *et al.*, 2012). Da mesma forma também adultos fazem uso do álcool para enfrentar situações que consideram difíceis, como indica o relato de Prezotti (2018):

“Meu pai começou depois que o meu irmão de nove meses faleceu com pneumonia e também porque ele é minha mãe se separaram. O meu tio X começou porque o pai dele abandonou a família e aí ele que cuidava de todo mundo e que trabalhava para ajudar a minha avó, e uma vez os companheiros de trabalho falaram que para ele "virar homem" ele tinha que beber. Já no caso do meu tio J, ele bebia socialmente e com o tempo acabou virando um vício e também a mãe dele faleceu quando ele ainda era pequeno e ele nunca foi muito próximo a família dele, ele não tinha muito apoio, hoje ele é próximo só da família da esposa dele.” (PREZOTTI, 2018).

Conforme Vilela *et al.* (2015), muitos usam o álcool como alibi para terem uma felicidade dissimulada, pois sofreram alguma perda ou passam por vários problemas em casa ou no ambiente de trabalho ou por não terem um apoio da família e desta maneira estão propícios a serem dependentes.

De acordo com a experiência de vida, descrita na entrevista de Prezotti (2018), na qual ela cita que seu pai e seus tios começaram a beber muito jovens, podemos constatar que eles poderiam ter tido um carreira profissional excelente e um ótimo convívio familiar, porém o vício “tomou conta” de suas vidas e assim prejudicou não só a vida deles, como também as de seus familiares. Esse dado também é relatado na literatura, como no texto de Cisa:

O alcoolismo prejudica o indivíduo na sua vida escolar e na vida profissional fazendo com ele perca o interesse em aprender e abandone os estudos e o trabalho, o que acarreta a perda de confiança e autoestima e muitas vezes provocam uma forte depressão no indivíduo. (CISA, 2013, apud, SILVA, 2014).

O impacto da doença na sociedade

De acordo com Giacomozzi *et al.* (2012), o consumo de drogas afeta na percepção de perigos. E assim, muitos fazem sexo sem preservativo e/ou usam materiais que também podem transmitir HIV/aids e hepatite como as seringas. Além disso, muitas pessoas, principalmente os jovens, deixam de ir à escola e ao trabalho por conta do vício e de doenças associadas.

Conforme Castro (2013), o consumo abusivo do álcool também causa o esquecimento e o aumento do risco de demência. E por isso muitos acidentes graves de trânsito, violência doméstica e até mesmo suicídio ocorrem e assim, cada vez mais, prejudicam a vida profissional e pessoal do indivíduo. “Sim, eu sofri muito com isso porque eles eram muito agressivos, arrumavam brigas (meu pai queria até matar), eles perdiam totalmente o controle. Teve uma vez que ele (o pai) bateu na minha madrasta e eu tinha apenas seis anos.” (PREZOTTI, 2018).

Os familiares mais próximos em geral são os mais afetados pelo alcoolismo. Devido à falta de comunicação, compreensão, confiança e paciência, as relações fami-

lires tornam-se alteradas e sem ternura e dessa maneira tendo complicações para encontrar soluções para as suas discordâncias. (SOUZA; CARVALHO, 2010, apud VILELA *et al*, 2015).

É implícito que, durante os anos de dependência, haja perdas tanto relacionais quanto financeiras. Portanto, seria simplista pensar que a reinserção social do dependente não implique numa recuperação dessas perdas. Nesse caso, é preciso diagnosticar criteriosamente a condição do momento, listando perdas e definindo uma forma ou estratégias para minimizá-las, o que alivia a ansiedade do paciente e o coloca diante da responsabilidade de planejar o futuro. Em todo o processo de recuperação, a família deverá participar conjunta e ativamente, além de contar com um aconselhamento de um profissional ou de um grupo de ajuda. (BRASIL, 2014, apud VILELA *et al*, 2015).

Prezotti (2018) comenta que era necessário buscar seu parente no bar, pois ele ficava em uma situação crítica na qual precisava de ajuda para tudo. Ela também fala sobre o quanto eles, seus parentes, ficaram agressivos e que até quebravam os móveis da casa.

Culturalmente, o consumo de álcool está relacionado à vida social do indivíduo, se tornando uma hábito de lazer frequentar bares e consumir bebidas alcoólicas o que aproxima e distancia as pessoas ao mesmo tempo, uma distração que se torna prejudicial para a sua vida em sociedade. (SILVA, 2014).

Quanto mais grave o nível da doença, mais difícil será a convivência com esse indivíduo. Por isso muitos perdem a família e o emprego, conseqüentemente, prejudicando a vida de seus familiares. (CISA, 2013, apud SILVA, 2014).

“O meu tio X ele até perdeu o emprego e chegou ao ponto dele vender algumas roupas para comprar bebida. O meu tio J percebemos quando ele não conseguia ficar um dia sem beber e tínhamos que buscar ele nos bares e ele caía no chão, não conseguia fazer nada sozinho e precisava de ajuda até para tomar banho.” (PREZOTTI, 2018).

Fica evidenciado que o alcoolismo teve uma interferência muito grande no relacionamento marital e também na convivência com os filhos. Corroborando com esta realidade, Chagas *et al*. (2008) complementam dizendo que, no que tange à família, as perdas vividas pelo alcoolista podem incluir a ruptura matrimonial, afastamento físico e emocional e ameaças de abandono por parte do cônjuge, além do sofrimento que o mesmo causa aos demais familiares. (CHAGAS *et al*, 2008, apud, VILELA *et al*, 2015)

O desempenho escolar também é afetado por causa da ressaca, o sono e a falta de interesse. Desta maneira, muitos adolescentes ou universitários perdem a confiança e desenvolvem uma baixa autoestima, o que, na maioria dos casos, ocasiona depressão. (CISA, 2013, apud SILVA, 2014).

Segundo Neves, Teixeira e Ferreira (2015), esses problemas acontecem porque os danos cerebrais causados pelo uso excessivo do álcool na região do hipó-

campo, local onde a memória é formada e depois distribuída para as outras áreas do cérebro, está relacionado com o aprendizado, desta forma afetando a formação de novas memórias.

A possibilidade de reconhecimento do vício

De acordo com Silva (2014), o indivíduo não consegue perceber que o uso da substância se tornou um vício e acredita que está controlado, conseqüentemente não enxerga que está perdendo o emprego, a família e os amigos.

“O meu pai começou a beber quando tinha 22 anos, só parou com 55 porque a mãe dele, que estava muito idosa e doente, ela pediu pra ele como presente e último desejo dela que ele parasse e então ele parou, ele teve algumas recaídas mas depois de um tempo ele nunca mais bebeu. Os meus tios eles foram internados várias vezes e não adiantou. O X teve câncer e mesmo durante o tratamento ele escondia bebida no armário dele e aí com 49 anos ele faleceu com câncer na garganta por beber e fumar muito. O J ele é o único vivo, ele já foi internado várias vezes mas não adianta” (PREZOTTI, 2018).

Conforme Vilela *et al.* (2015), é fundamental trabalhar com a autoestima dos pacientes, para que eles possam ter novos projetos de vida, que ajudem na reinserção social e na preservação da saúde mental e física do indivíduo. Lopes *et al.* (2015) também cita que o dependente não reconhece o vício e nem a família. Isso ocorre devido à vergonha, o sofrimento e por conta de não considerarem o alcoolismo doença, dessa maneira dificultando o processo de reintegração do indivíduo na sociedade e o tratamento.

É neste contexto de convivência parental e de manter os padrões sociais a qualquer custo, onde se instala tanto o isolamento do usuário de álcool quanto da própria família. Esse afastamento se dá na tentativa de evitar constrangimentos e o aumento da raiva, uma vez que o comportamento do consumidor exacerba-se em eventos sociais onde há a presença de bebidas com teor alcoólico e há a tendência da sociedade ao preconceito e à exclusão (Filzola *et al.*, 2009, apud, Lopes *et al.*, 2015).

Segundo Prezotti (2018), a esposa e a filha do seu tio J, também escondem que ele tem a doença por constrangimento. Ela acredita que isso acontece pois apesar do alcoolismo ser assunto muito comentado, as pessoas ainda têm muito preconceito em relação à doença. De acordo com Soares (2014), quando a situação começa a ficar crítica, os parentes tendem a se isolar do dependente, o qual, pode perceber essa situação e tentar mudar o trajeto de sua vida.

É quando surge a percepção de isolamento, de estar somente em companhia da bebida, o que traz um vazio angustiante e a certeza de que algo está errado e precisa ser mudado. O alcoolista, sentindo-se sozinho e fragilizado, procura ajuda e uma forma de retomar sua vida anterior (SOARES, 2014).

Quando a família opta por ajudar, as mudanças começam a surgir. No começo o paciente não admite que houve algum avanço no tratamento, mas com o tempo ele

reconhece que o seu vício ocasionou apenas perdas e problemas e então irá buscar opções para diminuir o consumo (LOPES et al, 2015).

O alcoolista, tendo consciência de sua doença, demonstra não querer reproduzir um exemplo ruim para seus filhos que acompanham a sua trajetória. Além disso, a possibilidade de ver um filho envolvido em situação semelhante e de não poder orientá-lo sobre os malefícios do caminho escolhido, torna-se frustrante por afetar diretamente sua função de pai e orientador. (SOARES, 2014).

Fica claro na entrevista concedida por Prezotti (2018), o quanto o vício impacta nas relações familiares. Aspecto reforçado na literatura, como no texto de Soares (2014) que aponta que ao longo do período de compulsão, as relações familiares tendem a piorar e assim ambos, parentes e dependente, acabam sofrendo.

Tratamento e prevenção

Segundo Valentim, Santos e Ribeiro (2017), o processo de tratamento é complicado e acontece a longo prazo. Dessa forma o apoio da família é essencial, pois o paciente pode ter recaídas. Uma forma que pode contribuir para a melhora mental e física do paciente seria o grupo de apoio, pois incentiva as relações sociais, com atividades cujo objetivo é ajudar e reabilitar, dando apoio aos pacientes. Em contrapartida, apesar da ajuda dos grupos de apoio e o fácil acesso, é uma tarefa árdua para os profissionais diminuírem o vazio entre o tratamento necessário ao paciente e os serviços disponíveis para a intervenção, devido à estigmatização do álcool, já que muitos pacientes reprimem a situação pela qual estão passando. (PIMENTA, 2010; WILLIAMSON, 2012, apud LOPES ET AL, 2015).

De acordo com Soares (2014), a recaída é um fator no qual o apoio da família é muito importante, pois é o momento em que o paciente em tratamento volta a consumir a substância. Portanto, o apoio consciente da família estará incentivando-o a esquivar-se da recaída, já que a reconstrução de identidade ocorre depois da fase de abstinência.

A recaída é o momento em que uma pessoa dependente e em recuperação volta ao uso da substância que causa dependência, sendo um acontecimento inconscientemente programado pelo dependente e concretizado no exato momento em que ele volta a consumir a substância (SOARES, 2014).

Segundo Prezotti (2018) o tratamento só ajudará se o dependente aceitar a intervenção, pois nos casos que ocorreram na sua família, os seus tios foram diversas vezes internados mas não adiantou. Um faleceu com câncer na laringe (mesmo fazendo tratamento contra o câncer, ele bebia escondido) e o outro continua dependente até hoje. O único que conseguiu mudar foi o pai, por causa do pedido da mãe que estava bem debilitada na época.

Segundo o modelo de prevenção da recaída, os seus determinantes são classificados em duas categorias: imediatos, que resultam do confronto entre uma pessoa ativamente investida em atingir e manter a abstinência e um cenário atual de risco; e antecedentes, que envolvem

forças que atuam de forma não consciente, aumentando a vulnerabilidade e a probabilidade de a pessoa recair. (SOARES, 2014).

Um dos grupos de apoio para o alcoolismo mais conhecidos é o Alcoólicos Anônimos (AA). Segundo um de seus fundadores Bill Wilson (1937), o “AA pode ser descrito como um método para recuperação do alcoolismo, no qual os membros ajudam-se mutuamente, compartilhando entre si uma enorme gama de experiências semelhantes em sofrimento e recuperação do alcoolismo.”

De acordo com AA (2015), poucas pessoas desistem quando participam do grupo de autoajuda, pois surtirá efeito em quem realmente quer “largar” o vício. Muitos têm o primeiro contato, devido à pressão familiar ou social, porém com o tempo conseguem decidir o que deve ser feito. Seguindo os princípios do AA, muitos conseguiram identificar que o maior problema de todos era o álcool, e assim, conseguiram, com dedicação e força de vontade, superar o vício.

Houve época em que muitos de nós acreditávamos ser o álcool a única coisa que tornava a vida suportável. Não podíamos nem conceber uma vida sem a bebida. Hoje, através do programa de A. A., não nos sentimos privados de nada. Pelo contrário, sentimos-nos livres e achamos que uma nova dimensão se acrescentou às nossas vidas. Temos novos amigos, novos horizontes e novas atitudes. Após anos de desespero e frustração, muitos de nós sentimos que realmente começamos a viver pela primeira vez (ALCOÓLATRAS ANÔNIMOS, 2015).

Prezotti (2018), também cita o quanto é complicada a situação do seu tio J, que foi internado diversas vezes mas não adiantou, pois ele sempre voltava das clínicas de reabilitação da mesma maneira. Também expressa que é essencial que a família dê suporte ao dependente para não desistir do tratamento e que o alcoólatra reconheça que o seu vício é um problema e que ele queira mudar.

Para que o tratamento do alcoolismo tenha sucesso, este deverá ser multidisciplinar e realizado a longo prazo, com o objetivo de conseguir uma abstinência satisfatória. Os grupos de autoajuda poderão ser um recurso válido para a recuperação da pessoa com alcoolismo. (ALVAREZ, 2013; GUIMARÃES et al., 2015, apud, VALENTIM, SANTOS E RIBEIRO, 2017).

Campanhas de prevenção também são fatores importantes na luta contra o alcoolismo. O Programa Cuide-se+, por exemplo, foi desenvolvido no intuito de melhorar as condições de vida na sociedade, por meio da educação e da prevenção. Uma das principais motivações é promover o enaltecimento da vida e, para isso, proporciona atividades educacionais para que as pessoas reflitam sobre os males do uso abusivo de substâncias psicoativas, como o álcool. “Contribuir para a redução da incidência de acidentes, das ocorrências de situação de risco, dos índices de absenteísmo e licenças por doenças na empresa.” (SESI, 2013).

De acordo com o Portal IG (2016), uma “instagramer”, Louise Delage era a personagem da campanha “curta o meu vício” promovida pela agência de publicidade BETC para a organização *Addict Aide*. Essa tinha o intuito que mostrar às pessoas, principalmente aos jovens, como não notam o problema, no caso o vício, em alguém

próximo. A modelo postou, durante dois meses, fotos de suas viagens, festas, que continham, no mínimo, uma referência ao álcool. Porém nenhum de seus 65 mil seguidores notaram o problema.

De acordo com Stéphane Xiberras⁴, o objetivo era mostrar como é difícil detectar o problema mesmo em alguém próximo. O vídeo em que “Louise” conta a verdade sobre a campanha já foi visto mais de 500 mil vezes no Instagram e YouTube por pessoas de todo o mundo. Considerando o alcance, a campanha contra o alcoolismo foi considerada um sucesso. Depois que a verdade foi revelada, a página já conta com quase um milhão de seguidores. Porém Xiberras lamenta o fato de nenhum seguidor ter notado o vício de Louise antes. (PORTAL IG, 2016).



Fonte: PORTAL IG, 2016.



Fonte: PORTAL IG, 2016.

Além da realização de campanhas é necessário ressaltar a importância de trabalhos de fiscalização quanto ao consumo, especialmente em relação a crianças e adolescentes. Segundo Prezotti (2018), a fiscalização é um dos problemas que precisa ser resolvido para prevenir que crianças e adolescentes venham a consumir álcool e outras drogas.

O governo poderia fazer mais campanhas, informar mais a população, promover palestras nas escolas com profissionais e com pessoas que já passaram por situações difíceis como essas e também ter mais fiscalização, porque apesar de ter várias leis, muitos menores têm fácil acesso a bebida, e assim consomem porque têm problemas na família, por curiosidade e para não ter timidez e acabam "destruindo" suas vidas, por isso a fiscalização é muito importante e é algo que precisa ser melhorado. (PREZOTTI, 2018).

O fato de a sociedade não só permitir, mas estimular o uso livre do álcool é um dos fatores de risco tanto para o início do consumo de álcool como para o abuso.

⁴ Diretor criativo da campanha.

Conviver num lugar onde o consumo de substâncias psicoativas é aceitável é uma porta que se abre para que o adolescente também seja aceito. Viver numa sociedade que incentiva o uso, como por exemplo, pela mídia, venderá a ideia de que uma droga, mesmo que lícita, seja algo bom e conseqüentemente será adotado por um consumidor influenciável como o adolescente. (CANAVEZ, ALVES, CANAVEZ, 2010).

Por todos os aspectos apresentados tanto a partir do levantamento da literatura, como da entrevista realizada pode-se afirmar que o tratamento e as estratégias de prevenção têm maior êxito quando há apoio, não apenas da família, mas de grupos e da sociedade em geral.

Considerações Finais

O alcoolismo ainda é assunto de muito tabu e preconceito e isso ocorre devido à falta de informação. A partir disso, pode-se concluir que é necessário alertar a sociedade sobre os problemas sociais, fisiológicos e psicológicos causados pelo álcool, para que deixe de ser um tabu. Uma forma seria através do governo, com a criação de mais programas de atividades educacionais, para que assim a população fique mais informada sobre a doença. Também com a melhora do sistema de fiscalização, para que assim, crianças e adolescentes não consumam esse psicoativo e também para advertir quem não cumprir a lei.

Além do importante papel do governo, como foi ressaltado ao longo do trabalho, o alcoolismo é um tema que precisa do envolvimento de toda a sociedade. Desta forma, cabe destacar a importância do desenvolvimento de outras iniciativas dentro de escolas, igrejas, grupos comunitários e associações diversas. Por exemplo, através de campanhas publicitárias contra o abuso de álcool, e a realização de rodas de conversas. Dessa forma, os estigmas relacionados ao vício poderiam ser “quebrados”, para então resolver os problemas, que marginalizam o dependente químico.

Portanto todos esses métodos de prevenção poderiam melhorar a forma de como o alcoolismo é “visto”, ou seja, ajudariam as pessoas a compreenderem as dificuldades do alcoólatra para tentar se recuperar, bem como o porquê de muitos familiares desistirem de ajudar e se afastarem do alcoólatra. As redes sociais também poderiam ser uma opção para o compartilhamento de informações, já que, é nelas que os jovens passam a maior parte do tempo. Essa seria uma ótima forma de alertá-los sobre como o alcoolismo pode afetar a vida de todos.

Referências bibliográficas

ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. **Alcoólicos Anônimos**. Junaab, Brasil, 2015.

BARBOZA, Adriano A.; CARDOSO, Rosilene da S. **O uso precoce do álcool por adolescentes no brasil e uma proposta de intervenção no espaço social comunitário, referenciado em Carl Rogers**. Extensio UFSC- Revista eletrônica de extensão, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/1807-0221.2016v13n21p47>>. Acesso em 10 de jun. 2018.

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de Julho De 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Ministério da Justiça - Mj. Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 24 de ago. 2018.

CANAVEZ, Márcia F.; ALVES, Alisson R.; CANAVEZ, Luciano S. **Fatores predisponentes para o uso precoce de drogas por adolescentes**. Cadernos UniFoa, Volta Redonda- RJ, 2010. Disponível em: <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1021/905>>. Acesso em: 10 de jun. 2018.

CASTRO, Adolfo C. de. **Orientações frente à prevenção no uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes: uma proposta de intervenção**. 2013. 30f. Monografia (Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio)- Universidade Federal do Paraná (UFPR).

GIACOMOZZI, Andréia I. et al. **Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis**. SciELO - Scientific Electronic Library Online, Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sausoc/2012.v21n3/612-622/pt/>>. Acesso em 03 de abr. 2018.

LOPES, Ana Paula T. et al. **Abuso de bebida alcoólica e sua relação no contexto familiar**. SciELO - Scientific Electronic Library Online, Paraná, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-294X2015000100022&lng=en&nrm=iso&tln g=pt>. Acesso em 03 de abr. 2018.

NEVES, Keila do C.; TEIXEIRA, Maria Luiza de O.; FERREIRA, Márcia de A. **Fatores e motivação para o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência**. Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1277/127739655013/>>. Acesso em 03 de abr. 2018.

PORTAL IG. **Campanha faz alerta sobre como o alcoolismo pode passar despercebido**. Disponível em: <<http://saude.ig.com.br/2016-10-11/alcoolismo.htm>>. Acesso em 24 de ago. 2018.

SESI. **Cuide-se+: Prevenção ao uso de álcool e outras drogas**. Paraná, 2013. Disponível em: <<http://www.sesipr.org.br/cuide-se-mais/alcool-e-outras-drogas/o-que-e-1-23999-216913.shtml>>. Acesso em 24 de ago. 2018.

SILVA, Maria A. de. **O impacto do alcoolismo na vida social e familiar do indivíduo: A intervenção do profissional de forma efetiva no tratamento**. 2014. 22f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em Saúde e Família) - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

SOARES, Janaína R. et al. **A importância da família no processo de prevenção da recaída no alcoolismo [Relevance of family role in the prevention of alcoholism relapse]**. Revista enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/13691/10482>>. Acesso em 10 de jun. 2018.

VALENTIM, Olga S.; SANTOS, Célia; RIBEIRO, José P. **Grupos de autoajuda: a percepção de gravidade do alcoolismo, da saúde física e mental**. SciELO - Scientific Electronic Library Online/Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Porto-Portugal, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1647-21602017000200016&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em 04 de abr. 2018.

VILELA, Janaína S. et al. **Influência do alcoolismo nos projetos de vida dos dependentes**. Revista Oikos: Família e Sociedade em Debate, Viçosa, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/173/191>>. Acesso em 04 de abr. 2018.

ANEXO A

Entrevista concedida por PREZOTTI, Alice. 12 de jun. 2018.
Entrevistador: Raquel de O. Fernandes, São Paulo, 2018.

Entrevista

Você já conviveu ou convive com alguém que sofre ou sofreu com o alcoolismo? Se sim, em sua opinião, quais são os motivos que levaram seu(sua) conhecido(a) à dependência do álcool?

P: *“Sim, vários parentes como o meu pai, meus tios eram alcoólatras. Meu pai começou depois que o meu irmão de nove meses faleceu com pneumonia e também porque ele é minha mãe se separaram. O meu tio X começou porque o pai dele abandonou a família e aí ele que cuidava de todo mundo e que trabalhava para ajudar a minha avó, e uma vez os companheiros de trabalho falaram que para ele "virar homem" ele tinha que beber. Já no caso do meu tio J, ele bebia socialmente e com o tempo acabou virando um vício e também a mãe dele faleceu quando ele ainda era pequeno e ele nunca foi muito próximo a família dele, ele não tinha muito apoio, hoje ele é próximo só da família da esposa dele.”*

Essa situação teve alguma influência na sua vida? Se sim, você pode descrevê-la?

P: *“Sim, eu sofri muito com isso porque eles eram muito agressivos, arrumavam brigas (meu pai queria até matar), eles perdiam totalmente o controle. Teve uma vez que ele (o pai) bateu na minha madrasta e eu tinha apenas seis anos.”*

Você aprendeu alguma coisa com o que acontece/aconteceu com o seu(sua) conhecido(a)?

P: *“Sim, eu nunca tive interesse em drogas, porque eu percebi o quanto, o álcool, destrói famílias e vidas.”*

Quais mudanças você notou no(a) seu(sua) conhecido(a), quando ele(a) começou apresentar indícios que tinha/tem a doença?

P: *“Em todos os casos (o pai e os dois tios), eu e minha família percebemos quando eles começaram a ficar muito agressivos e eles começaram a quebrar os móveis de casa. O meu pai a situação era tão complicada que tínhamos que ir buscá-lo nos bares. O meu tio X ele até perdeu o emprego e chegou ao ponto dele vender algumas roupas para comprar bebida. O meu tio J percebemos quando ele não conseguia ficar um dia sem beber e tínhamos que buscar ele nos bares e ele caía no chão, não conseguia fazer nada sozinho e precisava de ajuda até para tomar banho.”*

O seu(sua) conhecido(a) conseguiu reconhecer que tem/tinha a doença?

P: *“O meu pai começou a beber quando tinha 22 anos, só parou com 55 porque a mãe dele, que estava muito idosa e doente, o ela pediu pra ele como presente e último desejo dela que ele parasse e então ele parou, ele teve algumas recaídas mas depois de um tempo ele nunca mais bebeu. Os meus tios eles foram internados várias vezes e não adiantou. O X teve câncer e mesmo durante o tratamento ele escondia bebida no*

armário dele e aí com 49 anos ele faleceu com câncer na garganta por beber e fumar muito. O J ele é o único vivo, ele já foi internado várias vezes mas não adianta.”

O(a) seu(sua) conhecido(a) optou realizar o tratamento? Se sim, ocorreu alguma mudança? Se sim, você pode descrevê-la?

P: *“Nenhum escolheu. O meu pai parou sozinho sem ajuda médica, agora os meus tios foram obrigados a realizarem o tratamento, porque eles estavam em uma situação muito difícil, mas não adiantou.”*

Em sua opinião, o alcoolismo ainda é considerado um tabu? Justifique.

P: *“Sim, a filha e a esposa do meu tio J, por exemplo, elas escondem e sentem vergonha por ele ser viciado.”*

Você acredita que as clínicas de reabilitação são um método eficaz?

P: *“Pelo o que eu já passei, acredito que não adianta você obrigar, pois ele vai continuar sendo o mesmo. Ele deve reconhecer e querer mudar para que o tratamento realmente funcione, o apoio da família nessas horas é essencial.”*

Em sua opinião, o que a sociedade e o governo poderiam fazer para amparar as pessoas que convivem com a doença?

P: *“O governo poderia fazer mais campanhas, informar mais a população, promover palestras nas escolas com profissionais e com pessoas que já passaram por situações difíceis como essas e também ter mais fiscalização, porque apesar de ter várias leis, muitos menores têm fácil acesso a bebida, e assim consomem porque têm problemas na família, por curiosidade e para não ter timidez e acabam “destruindo” suas vidas, por isso a fiscalização é muito importante e é algo que precisa ser melhorado.”*

Recebido para publicação em 06-09-18; aceito em 08-10-18